

Perícias contra mistério

Da Redação

Lindauro Gomes

Um tiro na parte superior esquerda das costas provocou a morte do líder sindical Gildo da Silva Rocha, 33 anos. A bala entrou perfurando os grandes vasos pulmonares até se alojar próximo ao coração, entre uma costela e outra, um pouco abaixo do local atingido. O projétil saiu "rasgando" os vasos, expulsando sangue por toda a região dos pulmões e coração, e provocando uma hemorragia rápida e intensa.

Isso porque cada vaso pulmonar tem cerca de um centímetro de diâmetro, bem maior que outras veias e artérias do corpo. "É como uma torneira. Quanto maior o tamanho da abertura, mais água sai", explica o diretor do Instituto Médico Legal (IML), Paulo de Tarso Diniz, lembrando que a região superior do tórax é extremamente delicada, devido ao grande número de grossos vasos sanguíneos. O laudo preliminar aponta que Gildo morreu de choque hemorrágico, às 2h40, no Hospital Regional de Ceilândia. O corpo não tinha hematomas, nem marcas de espancamento.

Segundo Diniz, o calibre da arma também influencia na intensidade do rompimento dos vasos. "Quanto mais grossa a bala, maior a perfuração", afirma. A arma entregue na 15ª Delegacia de Polícia, que investiga a morte de Gildo, é uma pistola ponto 40. Segundo policiais, a arma é capaz de causar mais estragos que um revólver calibre 38 ou um pistola 9 milímetros.

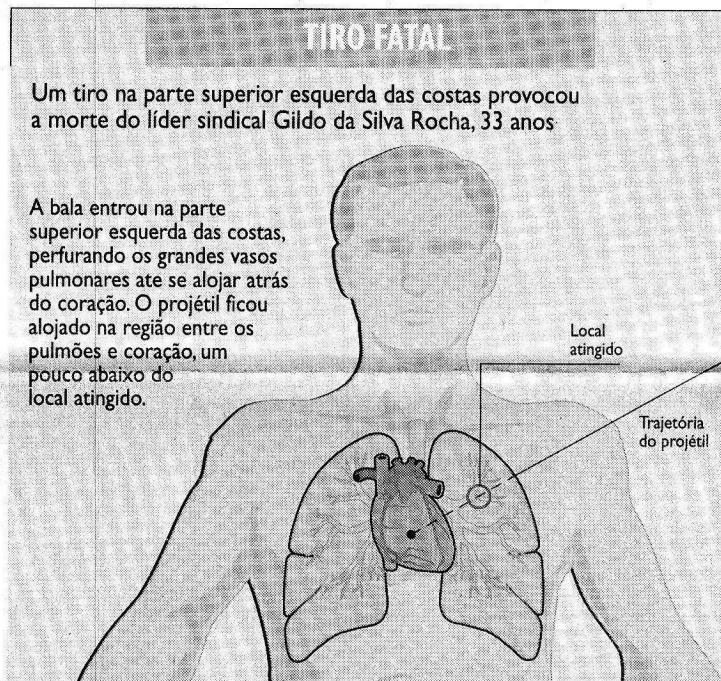
Com a perda contínua de sangue, Gildo teve uma parada cardíaca. No hospital, onde chegou à 1h30, o líder sindical foi operado, depois de várias tentativas de reanimação. O objetivo da cirurgia era drenar o sangue e tentar reparar as lesões. Gildo, no entanto, não resistiu. Morreu na mesa de operações.

O corpo chegou ao IML por volta das 10h. Às 14h, já estava liberado para a família. Mas, antes que os parentes chegassem para assinar a liberação, o corpo de Gildo voltou para a sala de necropsia. É que, por volta das 15h, o delegado da 15ª DP, João Emílio Ferreira de Oliveira, pediu ao IML que coletasse material para mais dois exames.

Um deles é o teste toxicológico, coleta de urina e outros resíduos orgânicos para verificar se Gildo usou drogas antes de morrer. O outro exame é a pesquisa para saber se havia resquícios de pólvora



CARRO: O APOLLO DE GILDO FOI ATINGIDO COM DEZ DISPAROS. UM DELES ATINGIU O SINDICALISTA PELAS COSTAS. ELE MORREU DE HEMORRAGIA



na mão do sindicalista, feita pelo Instituto de Criminalística da Polícia Civil. O objetivo do teste é esclarecer se Gildo usou arma de fogo no local, embora o exame seja muito questionado pelos peritos criminais.

Segundo o diretor do IML, o laudo oficial detalhado sobre a morte de Gildo deve sair em 10 dias, quando possivelmente fica

pronto também a pesquisa de chumbo. De lá, os documentos serão entregues ao delegado responsável pelo caso. Isso porque o exame pode não ser conclusivo.

CARROS

O trabalho dos peritos será fundamental para esclarecer o que realmente aconteceu na madrugada de ontem.

Além dos exames feitos pelos legistas no corpo de Gildo, a perícia dos dois carros envolvidos no crime também será importante. Isso porque existem dúvidas a respeito da versão dos policiais.

A principal delas é em relação ao carro usado pelos agentes na perseguição a Gildo. Os sindicalistas que estavam com ele garantem que o agentes saíram em um carro vermelho, provavelmente um Corsa ou Fiat Uno. Os agentes sustentam que estavam em um Santana. O Santana também tinha marca de um tiro.

Resultado preliminar feito no carro de Gildo, um Apollo, apontou para a existência de dez perfurações de bala calibre 38 ou ponto 40 na lataria. Duas delas acertaram o porta-malas. Outros oito disparos não perfuraram o carro e ricochetearam. Já o Santana apresentado pelos policiais tinha uma perfuração causada por projétil calibre 38 no pára-choque dianteiro. Outros dois disparos pegaram o carro de raspão.

Até agora, seis pessoas foram ouvidas no inquérito instaurado na 15ª DP (Ceilândia) para investigar o caso. Prestaram depoimento até o início da noite os dois sindicalistas que acom-

panhavam Gildo na noite do crime, os três policiais civis que participaram da Operação Delta (um deles, Edilson Cordeiro Rodrigues, ficou na calçada vigiando os sindicalistas e outros dois, Arnolfo Alves Pereira e Ronildo Brito de Mesquita, perseguiram Gildo) e a única testemunha do crime até agora, Ismael Bispo.

Para a polícia, a versão dos policiais é coerente. Um dos policiais que perseguiu Gildo, Ronildo Brito de Mesquita, diz que a atenção dele e dos colegas foi despertada pelos sindicalistas porque eram três homens parados na calçada, em frente a um banco, em atitude suspeita. Em volta deles, sacos de lixo estavam espalhados pelo chão.

"Eram três homens parados fora de um carro, em frente a um banco, à 1h da madrugada. Eu ia imaginar que faziam piquetes? Nem mesmo sabia que o SLU estava em greve. A coleta de lixo da minha casa estava normal", ponderou Ronildo.

O agente sustenta a versão de que Gildo disparou primeiro. A versão dos policiais, sustentada pela testemunha de Ismael, será posta a prova com os exames dos peritos.